

“ENCONTRO DE BOIS” DE OLINDA: UMA POSSÍVEL LEITURA

Lúcio Enrico Vieira Attia

Resumo: Este artigo é fruto de pesquisa realizada no Programa de Pós Graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense. A dissertação refletiu sobre como as culturas se deslocam e se desdobram em outras práticas diferentes das anteriores ao descrever o “Encontro de Bois” que acontece toda noite de Quarta de Cinzas em frente à casa de Dona Dá, na Rua da Boa Hora, no bairro do Varadouro, Sítio Histórico de Olinda, Pernambuco. Aqui, no presente texto, apresento o *Encontro de Bois* como um *espaço de sociabilidade*, de construção coletiva, que se repete anualmente através da realização de um *ritual lúdico festivo*. Um *espaço de sociabilidade*, com ênfase no *livre trânsito simbólico* de elementos de diferentes práticas culturais que faz com que na noite de Quarta de Cinzas uma série de pessoas e grupos se desloquem em direção à casa da moradora. **Palavras-chave:** culturas viajantes, práticas de sociabilidade, ritual, “bois”, livre trânsito simbólico.

Abstract: This article is the result of research conducted in the Graduate Program in Culture and Territorialities Fluminense Federal University. The dissertation reflected on how cultures move and unfold into different practices prior to describe the “*Encontro de Bois*” (Meeting of Oxen) that happens every night from Wednesday Ash in front of Dona Dá’s house, in Boa Hora Street in the neighborhood of Varadouro, Olinda Historic Site, in Pernambuco. Here in this text, I present the “*Encontro de Bois*”, a social space of collective construction, which is repeated every year by conducting a playful-festive ritual. A social space, with an emphasis on symbolic free traffic of different cultural practices elements that makes the Ash Wednesday evening a number of people / groups moving toward the house of the resident. **Keywords:** Travelers cultures, sociability practices, ritual, 'oxen', free symbolic traffic.

*“Chegou a quarta, eu vou embora brincar o Boi na Rua da Boa Hora.
Sambe domingo, segunda e terça, mas não esqueça quando a quarta chegar.
O samba é bom, o terno é quente, vai muita gente pra Casa de Dona Dá.
Boi da Gurita Seca e o Marinho, tá no caminho junto com o Cara de Sapo.
Boi do Cupim e o da Macuca não se assusta com o Boizinho Alinhado.
O samba é bom, o terno é quente, vai muita gente pra Casa de Dona Dá.
Da Igreja do Guadalupe, pra Pitombeira, desço a ladeira que missa vai começar.
Na Bodega do Veio tomo uma bicada, canto uma marcha e volto de novo a sambar”*

Na casa de Dona Dá – Maciel Salú ¹

Introdução

Ano após ano, em um crescimento contínuo, no estado de Pernambuco²,

¹ SALÚ, Maciel. *Na Casa de Dona Dá. Maciel Salú e o Terno do Terreiro*. 2004. Disponível em: <https://soundcloud.com/bm-a/maciel-sal-e-o-terno-do> Acesso em 30 de janeiro de 2013.

² Uma das 27 unidades federativas do Brasil, Pernambuco é o sétimo estado mais populoso do país. Tem como capital a cidade do Recife, sendo sua região metropolitana a mais populosa do Norte-Nordeste. O estado é uma das regiões mais antigas da América Portuguesa tendo sido a mais rica capitania do Brasil Colônia devido à exportação de açúcar. Pernambuco teve participação em diversos episódios da história brasileira e é conhecido por sua pujante cultura popular, detendo também vasto patrimônio histórico, artístico e arquitetônico, especialmente referenciado no período colonial. Em 1990 a música produzida no estado ocupa “a cena” cultural nacional devido surgimento do *manguebeat*, que realizava uma fusão dos ritmos “mundiais” com suas tradições “locais”. Pernambuco é um dos principais polos industriais do país, o décimo estado mais rico do Brasil e Recife, a cidade com o maior PIB per capita entre as capitais da

uma *prática de sociabilidade*³ tem se firmado em uma data bastante esperada. Com o término oficial do Carnaval - com alto investimento público e privado⁴ - toda Quarta-feira de Cinzas, por iniciativa própria, ao cair da noite, as ladeiras de Olinda recebem uma série de brincantes⁵ e turistas provenientes de diferentes manifestações populares e lugares [do país e do mundo] para realizar o *Encontro de Bois*⁶, em frente à casa de Dona Dá⁷.

Segundo a anfitriã, o *Encontro* teve seu início por acaso. Desde a década de 80, ela e sua vizinhança, cansados do marasmo da rua durante o Carnaval, decidiram

Região Nordeste. Em sua região metropolitana abriga o maior parque tecnológico do Brasil – o Porto Digital - e o maior estaleiro do Hemisfério Sul – o Estaleiro Atlântico Sul – em Suape. Segundo a FIRJAN, Pernambuco possui o índice de segunda melhor qualidade de vida do Norte-Nordeste e é ainda o terceiro estado menos desigual do país. Seu atual governador é Paulo Câmara, do PSB. WIKIPÉDIA *Pernambuco*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pernambuco>. Acesso em 23 set 2013. Para mais informações confira o site do Governo do Estado de Pernambuco. Disponível em: <http://www.pe.gov.br/conheca/> Acesso em 23 de setembro de 2013.

³ Prática de sociabilidade aqui entendida como associação de indivíduos onde ocorrem trocas simbólicas. Segundo RESENDE (2001: 1), na teoria social, a noção de sociabilidade se refere geralmente a situações lúdicas em que há congraçamento e confraternização entre as pessoas. A autora cita Aries (1981) para afirmar que este conceito refere-se a visitas, encontros e festas que envolvem trocas afetivas e comunicações sociais em que música e dança são elementos comuns, e a comensalidade aparece quase como uma obrigatoriedade.

⁴ Nos anos de 2013 e 2014, período em que a pesquisa foi desenvolvida, a Skol foi uma das principais patrocinadoras. Segundo o site da AMBEV, a Skol apoia as principais prévias carnavalescas e patrocina cerca de 150 blocos e troças. Disponível em: <http://www.skol.com.br/diadorfoco/carnavais> e <http://www.ambev.com.br/imprensa/skol-patrocina-carnaval-do-recife-e-olinda>. Acesso em 10 de maio de 2014. Ainda sobre o investimento público e privado, a Prefeitura de Olinda, informou que, de acordo com seu levantamento, em 2013 passaram pela cidade mais de 2,5 milhões de pessoas, movimentando cerca de R\$ 120 milhões (incluindo a soma dos comércios formal e informal) na cidade. Já em 2014 os números oficiais chegaram a 2,7 milhões de foliões, injetando mais de R\$150 milhões na economia do município. Matéria sobre o balanço do Carnaval 2013 da cidade de Olinda em 2013 disponíveis em <http://www.penocarnaval.com.br/materias/interna/94/o-balanco-do-carnaval-de-olinda> e em http://www.youtube.com/watch?v=PXQ_ijpKLaM. Acessos em 24 de setembro de 2013. Balanço do ano de 2014, disponível em: <http://carnaval.olinda.pe.gov.br/tags/balanco>. Acesso em 10 de maio de 2014.

⁵ Pessoa que participa de folias, folguedos e festas. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/tesauro/00000190.htm> Acesso em 28 de setembro de 2013.

⁶ As brincadeiras de ‘*boi*’ podem ser encontradas em diversas regiões brasileiras e abrigam nesta categoria uma ampla gama de variantes. Segundo Cavalcanti (2009: 93) os folguedos do ‘*boi*’ exigem intensa atividade corporal como o uso de fantasias, música e dança. Neles os grupos brincantes – cujas dimensões, indumentárias e formação característica diferem muito – reúnem-se para brincar em torno de um boi-artefato bailante. Vale dizer ainda que por ‘*boi*’ entende-se tanto genericamente o festejo, quanto a representação plástica do animal [podendo ser feito com diferentes materiais] e o grupo de pessoas que se organiza em torno dela. (Carvalho, L., 2009: 115) [acréscimo nosso]. CARVALHO, Luciana. A matança do santo: riso ritual e *performance* no bumba meu boi. In: CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro e. Tempo e narrativa nos folguedos de boi. In: CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro e: *As festas e os dias: ritos e sociabilidades festivas*. Rio de Janeiro: Contracapa. 2009, 28p. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/810>. Acesso em 28 de ago de 2013.

⁷ Jodecilda Airola de Lima, popularmente conhecida como Dona Dá, atualmente com 78 anos, foi homenageada do Carnaval de Olinda em 2004. Foi a primeira mulher a receber esta deferência. A escolha se deu mediante voto popular. Dona Dá atingiu a marca de 3.643 votos com o slogan “Carnaval sem Dona

confeccionar troféus para entregar aos blocos que por lá passassem entre o Sábado de Zé Pereira e a Terça feira Gorda, respectivamente início e fim do Carnaval. Com esta estratégia, conseguiram reinserir a ladeira da Boa Hora no percurso de desfile dos blocos trazendo a folia de volta à Rua⁸.

Em novembro de 1999, via Sistema de Incentivo à Cultura [SIC-PE], Dona Dá consegue aprovação do projeto *Troféu da Boa Hora*. A proposta cadastrada teve como objetivo ampliar a entrega dos troféus durante o Carnaval e, em outro período do ano, homenagear 10 personalidades do estado.

Antônio Nóbrega, multi-artista pernambucano, seria um dos homenageados, e receberia seu troféu no dia do evento; porém, como reside em São Paulo, não pode comparecer no dia marcado. Segundo a narrativa de Dona Dá, divulgada pela mídia⁹, ela recebeu a notícia que, como ele tocava no Carnaval, ele se comprometera a passar por sua casa na Quarta de Cinzas. Na data combinada, Dona Dá, montou uma mesa com frutas e bebidas para receber o convidado e entregar seu troféu. Desde então, como diz a festeira, embora o homenageado nunca tenha aparecido, os *boizinhos* passaram a reunir-se em frente à sua casa na Quarta de Cinzas alegrando a moradora e a vizinhança.

Uma característica peculiar dos *bois* que vão até a casa de Dona Dá, é que, em geral, os componentes dos grupos possuem outras funções durante a Folia de Momo: são artistas que ocupam a cena nos palcos com grandes shows, artistas populares que

Dá não dá”. Mais informações em http://www.old.pernambuco.com/diario/2004/02/04/urbana5_0.html. Acesso em 10 de maio de 2014. Em 2011 foi homenageada pelo boneco gigante mais famoso do Carnaval de Olinda, o Homem da Meia Noite. Mais informações em <http://unacomo.blogspot.com.br/2011/01/homem-da-meia-noite-escolhe-hmenageados.html> Acesso em 10 de maio de 2014.

⁸ Confira matérias com Dona Dá disponíveis em: G1/GLOBO.COM. *Dona Dá espanta marasmo em rua de Olinda entregando troféus a blocos*. Disponível em: <http://g1.globo.com/pernambuco/carnaval/2013/noticia/2013/01/dona-da-espanta-marasmo-em-rua-de-olinda-entregando-trofeus-blocos.html>. Acesso em 30 de janeiro de 2013. E em *Dona Dá faz história no Carnaval da Rua da Boa Hora em Olinda*. Disponível em: <http://produtos.ne10.uol.com.br/carnaval2014/tag/olinda/page/2/>. Acesso em 10 de maio 2014.

⁹ *Encontro de Bois em Olinda seguiu até madrugada de quinta-feira (23)*. Disponível em: <http://carnaval.uol.com.br/2012/noticias/redacao/2012/02/23/noite-de-bois-em-olinda-segue-ate-madrugada-de-quinta-feira-23.htm> Acesso em 18 de julho de 2015.

brincam nos terreiros - como são chamados os espaços onde ocorrem as *brincadeiras*¹⁰; ruas, por exemplo, ou ainda criadores que transitam pelos dois campos.

Na Quarta de Cinzas, todos se encontram. Alguns *bois* se inspiram em tradições presentes em outros ciclos¹¹ comemorativos, como por exemplo, o *Boi Marinho*, de Hélder Vasconcelos, que brinca no Carnaval com elementos do *Cavalo Marinho* [autopopular¹² da Zona da Mata Norte de Pernambuco¹³, de ocorrência predominantemente no Ciclo Natalino¹⁴] ou o *Boi da Macuca*, que brinca ao ritmo do Forró¹⁵.

Há *bois* que são compostos por características de outras manifestações populares presentes no Ciclo Carnavalesco¹⁶ e que não tem relação direta com o denominado *Boi*

¹⁰ Brincadeira é uma categoria muito comum nas expressões populares para expressar atividades que mesclam múltiplas interfaces do cotidiano. Conforme CARVALHO as motivações místicas e religiosas, por exemplo, não se chocam com as dimensões de lazer, jogo, diversão, teatro e festa, com a fartura de comidas e bebidas, e com os excessos de gozos corporais que reforçam o caráter lúdico das encenações populares. [...] [contudo] trata-se, pois de uma brincadeira levada a sério. [...] Os participantes se autodenominam brincantes. (Carvalho, L., 2009:116) [inserção minha]. Tenderini reforça: “As brincadeiras são algo muito sério. Mas são também divertimento” (Tenderini, 2003: 20).

¹¹ O tempo cíclico. Aquele que, ao contrário do tempo cronológico - pautado pela sequência de anos que ocorrem sucessivamente e não retornam - vai e volta. É aquele que nos lembra de que “é época de...”. Tempo do eterno retorno. Aquele que marca nossos períodos festivos e orienta nossas práticas sociais cotidianas. De acordo com Barbero “O tempo cíclico é um tempo cujo eixo está na festa. As festas com sua repetição, ou melhor, com seu retorno balizam a temporalidade social [...] Cada estação, cada ano possui a organização de um ciclo em torno do tempo denso das festas, denso enquanto carregado pelo máximo de participação, de vida coletiva. A festa não se constitui, contudo, por oposição à cotidianidade; é, antes, aquilo que renova seu sentido, como se a cotidianidade o desgastasse e periodicamente a festa viesse recarregá-lo novamente no sentido de pertencimento à comunidade”. (Martín-Barbero, 2003: 136).

¹² A brincadeira costuma durar cerca de 8 horas e integra representação, música, dança e poesia. Mais informações em: <http://www.recife.pe.gov.br/especiais/brincantes/8c.html>. Acesso em 07 de setembro de 2013.

¹³ Região do litoral de Pernambuco constituída por Mata Atlântica. Mais informações disponíveis em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Microrregi%C3%A3o da Mata Setentrional Pernambucana](http://pt.wikipedia.org/wiki/Microrregi%C3%A3o_da_Mata_Setentrional_Pernambucana) Acesso em 28 de setembro de 2013.

¹⁴ O Ciclo Natalino, também conhecido como “As 12 noites”, inicia no dia 24 de dezembro e se estende até o dia 6 de janeiro. É o período em que se apresentam o maior número e mais variados tipos de folguedos em todo o Brasil. Mais informações disponíveis em http://www.ufrpe.br/artigo_ver.php?idConteudo=1246, em <http://www.cnfcp.gov.br/tesauro/00000091.htm> e em: <http://www.fundarpe.pe.gov.br/ciclo-natalino-do-governo-do-estado-valoriza-as-tradicoes-populares>. Acesso em 28 de setembro de 2013.

¹⁵ Estilo musical bastante presente sobretudo no nordeste brasileiro que reúne ritmos como o Xote, Baião, Xaxado, Galope, Quadrilha e Coco. Mais informações em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Forr%C3%B3> Acesso em 28 de setembro de 2013.

¹⁶ Tempo que se inicia no dia seguinte ao Dia de Reis e se estende até a Quaresma, quarenta dias antes da Páscoa. Sua principal característica é apresentar, a partir de suas múltiplas faces, a ruptura das regras do comportamento social pela celebração do prazer. Pernambuco destaca-se no Brasil pela diversidade das manifestações culturais. O Estado tem como política valorizar as manifestações populares tradicionais comuns em cada localidade e incluir na programação artistas reconhecidos pela “grande” mídia através de shows e cortejos que circulam tanto nas áreas nobres da cidade quanto em suas áreas periféricas. Orquestras de Frevo, Maracatus de Baque Solto e Virado, Afoxés, Bois, Clubes Carnavalescos, Ursos, Caboclinhos, Tribos de Índios, Cocos e Escolas de Samba circulam por todo o Estado. Artistas da cultura

de *Carnaval Pernambucano*¹⁷, como o *Boi da Gurita Seca* que brinca com o ritmo e a poesia do *Maracatu de Baque Solto*¹⁸ - manifestação popular também muito presente na Zona da Mata Norte do estado. Pautado nessa mesma tradição, o *Boi da Gréia*¹⁹ é constituído pela família Salustiano, reconhecida pela sua vinculação às culturas populares. Ainda no ritmo do *Maracatu de Baque Solto*, participa também o *Boi Estrela do Brasil*, capitaneado por Zé Borba, que nos *Cavalos Marinhos* brinca com a figura [personagem] Mateus e é um dos mais idosos em atividade atualmente. Participa ainda o *Boi Dendê*, que se diferencia de todos os outros ao trazer um brincante fantasiado, vestido de *boi*, chamado pelo grupo de minotauro.

Em contraponto a estes *bois* mais recentes ou que migram elementos de outros ciclos comemorativos, há o *Boi Tira-Teima*. Ele vem do interior do estado, de Caruaru²⁰ para as ladeiras de Olinda e está próximo de completar 100 anos de existência. Uma brincadeira mantida predominantemente pela família do finado Mestre Gercino. Este *boi* parece ter origem propriamente dita no que, no estado, se costuma denominar como pertencente ao gênero *Bois de Carnaval*²¹. Alinha-se às descrições deste tipo de folguedo, incluindo o quesito musical, personagens, período de realização etc.

popular, assim como de projeção nacional ganham destaque neste período. Em Olinda, além dos seus tradicionais Bonecos Gigantes, tem destaque a criatividade e irreverência dos foliões espalhadas na Cidade Alta. Mais informações disponíveis em <http://www.cnfcp.gov.br/tesauro/00001975.htm>, em <http://www.carnavalpe2013.com.br/cidades.php?city=17> e em <http://www.programacaocarnavalrecife.com.br/>. Acesso em 28 de setembro de 2013.

¹⁷ De acordo com o site da Prefeitura do Recife “as manifestações que têm o *boi* como figura central remontam à antiguidade, às festas de glorificação e exaltação do animal, com origens marcadas por uma forte presença religiosa. No Brasil, sua presença está fortemente ligada à força motriz utilizada na pecuária e nos engenhos de açúcar do Nordeste. Os *Bois de Carnaval* são caracterizados pela simplicidade, improviso e irreverência, e levam para a rua uma grande variedade de personagens, classificadas como figuras humanas, animais e fantásticas. Algumas são indispensáveis, como o Capitão, Mateus, Bastião, Catirina, Doutor, Padre, Arlequim, o Boi, a Ema, a Burrinha, o Babau, o Jaraguá, o Diabo, o Morto-carregando-o-vivo, a Caipora e o Mané Pequenino. Alguns grupos apresentam alas e cordões (de pastorinhas, de baianas, de caboclos etc.), mas também há agremiações em que os personagens desfilam livremente”. Disponível em: http://www.recife.pe.gov.br/pr/seccultura/fccr/cadastro/2008/07/29/boi_de_carnaval_7.php Acesso em 28 de setembro de 2013.

¹⁸ Maracatu característico dos engenhos pernambucanos. Suas músicas são acompanhadas por orquestra de percussão e sopro que mantém o baque em levada contínua, sem viradas musicais, daí o sentido do nome baque-solto. Atualmente a figura do Caboclo de Lança, o caboclo de guiada, destaca-se como ícone do Carnaval de Pernambuco. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/tesauro/00002065.htm> Acesso em 28 de setembro de 2013.

¹⁹ Gréia, na gíria popular local, que dizer gozação, palhaçada, onda, arriação.

²⁰ Segundo o site DISTÂNCIACIDADES.COM Caruaru situa-se a 127,08 km em linha reta, 142 km de distância de condução, 2h4 de tempo de condução estimado até Olinda. Disponível em: <http://br.distanciaciones.com/calculador?from=Caruaru+-+Pernambuco%2C+Brasil&to=olinda>. Acesso em 28 de setembro de 2013.

²¹ Apresentadas na nota 18.

Há também coletivos como o *Boi Mojobá*, formado por um grupo de educadores e artistas nascidos e radicados em Olinda, que trazem em seu brinquedo aspectos do *Bumba Meu Boi* Maranhense. Deste modo, fazem circular uma manifestação popular não só marcadamente presente em outro estado - com características bem diversas de Pernambuco como também de outro ciclo comemorativo, o Ciclo Junino²² pois no Maranhão os *bois*, em geral, são consagrados a São João.

O *Boi da Mata vem na pisada do coco*²³. Reúne personagens inspirados no *Cavalo Marinho*, recriados de acordo com o imaginário local do bairro UR-7 Várzea. O *Boi da Mata* conta com a presença de Seu Benedito, filho adotivo do famoso Capitão Pereira²⁴, do *Boi Misterioso de Afogados*, pesquisado por Hermilo Borba Filho, teatrólogo pernambucano.

Curioso saber que no passado, nos anos 70, um grupo de professores e alunos do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco montava um *boi*, de acordo com o livro de Hermilo, justamente na Rua da Boa Hora chamado *Boi da Boa Hora*. Este *boi* era dirigido artisticamente por Antônio Nóbrega [os moradores só descobriram isso muito tempo depois, com a chegada de um novo vizinho, que fora componente do *Boi da Boa Hora*, à rua]. Naquele período Nóbrega já tinha relações com o Movimento Armorial²⁵.

²² Ciclo de natureza agrária e pagã, que foi incorporado à tradição religiosa cristã. As festas juninas, com destaque para sua culinária, tornaram-se uma das manifestações mais populares do Brasil, mesmo nos grandes centros urbanos. Disponível em: <http://www.recife.pe.gov.br/especiais/brincantes/3.html>. Acesso em 30 de setembro de 2013.

²³ De maneira geral as definições do Coco dizem quem ele era um canto de trabalho. O “puxador” canta um verso que é respondido pelo coro que, em roda, em fila ou livremente executa o sapateado característico e batem palmas marcando o ritmo. Disponível em: <http://www.recife.pe.gov.br/especiais/brincantes/5a.html> Acesso em 18 de julho de 2015.

²⁴ Segundo o site PE de A-Z, da Prefeitura do Recife, o Capitão Pereira foi praticamente o autor do livro "Apresentação do Bumba meu boi", do escritor Hermilo Borba Filho que teve apenas o trabalho de gravar várias apresentações do “Boi Misterioso de Afogados” e organizar o texto para publicação. Mais informações: http://pe-az.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=541:belem-de-maria&catid=47:municipios&Itemid=107. Acesso em 15 de julho de 2014.

²⁵ O Movimento Armorial tem como objetivo valorizar a cultura popular do Nordeste brasileiro a partir da criação de uma arte brasileira erudita a partir das raízes populares da cultura do País. Mais informações em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=696&Itemid=192. Acesso em 15 de julho de 2014.

Na década de 80 nasce o *Boi Cara de Sapo*²⁶, que apresenta uma história de resistência à ditadura. Ele vem às ladeiras desde sua fundação utilizando óculos escuros e tocando música instrumental, no estilo *jam session*, improvisando sem saber o que vem à frente.

Participam ainda do Encontro grupos que não são *bois* como o *Bloco da Cultura Indígena*, do Grupo Cultural e Artístico Feea-hia, grupo de índios da aldeia Fulni-ô, que trazem o seu *Samba de Coco*²⁷; a *Burra Rasta* que traz à tona elementos do Reggae²⁸, tocando *Nayambing* – um ritmo que segundo entrevista realizada, reproduz o som das batidas do coração – e também o Pife *Floyd* que em um vídeo do Youtube aparece nomeado como *Boi Pife Floyd* [embora nunca tenha tido um *boi*] que faz um diálogo musical entre a banda *Pink Floyd* e o pífano, instrumento presente no nordeste brasileiro cujo refrão da música “*The Wal*” - “*Hey, teacher! Leave them kids alone!*” é parodiado por: “*Ei, Chica! Deixa o gato em paz!*”.

Um dos *bois* mais recentes é o *Boi Cote*, do Coletivo Bagaço, grupo de caráter eminentemente político que segundo sua narrativa “tem língua afiada e não tem cauda pra não ter rabo preso com ninguém!”; entre outros grupos.

Praticamente todo ano surge ‘*boi*’ novo na brincadeira. Na noite da Quarta de Cinzas, a parte de cima da Rua da Boa Hora é completamente tomada pelos brinquedos.

Desenvolvimento

Nas próximas páginas proponho uma leitura do *Encontro de Bois* que busca evidenciar o quanto esse *lugar*, Rua da Boa Hora, porta da casa de Dona Dá, é convertido *espaço*²⁹ da brincadeira marcado por um tipo de relação de sociabilidade que

²⁶ De acordo com matéria do Diário de Pernambuco, o *Boi Cara de Sapo* foi o grande detonador do movimento de *bois* em Olinda, a partir de 1990. Nesse Carnaval, Siba e Hélder o viram brincando em Olinda. No ano seguinte como não o encontraram pelas ladeiras, terminaram o ano decididos a fundar seu próprio boizinho. Mais informações em: http://www.old.pernambuco.com/diario/2001/02/22/viver1_1.html. Acesso em dia 28 de setembro de 2013.

²⁷ Ritmo indígena religioso de canto responsorial.

²⁸ *Reggae* é um gênero musical desenvolvido inicialmente na Jamaica que tem como ícone o cantor e compositor Bob Marley. Mais informações disponíveis em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Reggae> Acesso em 30 de março de 2014.

²⁹ Segundo Certeau, **o espaço é um lugar praticado**, um cruzamento de móveis animado pelo conjunto de movimentos que ali se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. (Certeau, 2000: 201-202) [grifo meu]. Neste sentido, a frente da casa de Dona Dá na Quarta de Cinzas, em sua cotidianidade, é ressignificado; torna-se um espaço ritual de festa dedicado ao que em minha opinião, é o ápice da brincadeira bovina ao ser o ponto de convergência de

é pautado pela realização de um ritual envolvendo a moradora e os *bois* e *blocos* participantes.

Considero o *Encontro de Bois* como prática cultural pertencente às sociabilidades festivas e lúdicas dos ritos. Neste sentido, para refletir sobre como funciona o *Encontro*, caminho junto com Peirano (2003) que compreende o ritual como forma de expressão maleável e criativa que pode ser utilizado com as mais diversas finalidades. Dentre as citadas pela autora destaco o ritual como um sistema cultural de comunicação simbólica constituído de sequências de palavras e atos que são ordenados e padronizados, onde os participantes experimentam intensamente uma ação performativa utilizando vários meios de comunicação. Lancemos então um olhar um pouco mais refinado sobre como acontece o ritual *Encontro de Bois de Olinda*:

Antes do dia do *Encontro* Dona Dá, família, amigos e vizinhos passam rifas para arrecadar fundos para a confecção dos troféus. Os *bois* e os *blocos* preparam-se para passar pela Rua da Boa Hora, cada um com sua especificidade.

Na Quarta de Cinzas Dona Dá vai à CEASA - a Central de Abastecimento de Hortifruticultura, pela manhã e, em seguida, sua família a ajuda na manipulação dos alimentos. À noite, os componentes de cada grupo se reúnem nos locais de origem de seus respectivos *bois* ou nos pontos de encontro que são combinados previamente, para realizar o *esquentar* de seu brinquedo. Após o aquecimento, cada um deles segue seu percurso que geralmente se articula com a história de vida de sua liderança e/ou *boi*. Ao longo deste caminho podem ocasionalmente, aleatoriamente, se encontrar uns com os outros estabelecendo diálogos interculturais a partir dos ritmos/elementos que vêm representando. O que todos os *bois* e *blocos* têm em comum, mesmo aqueles que não têm trajeto definido, é a convergência à Rua da Boa Hora e mais especificamente à casa de Dona Dá. Neste sentido poderíamos dizer que os *bois* vão à Rua da Boa Hora para visitar a moradora. Alguns levam presentes a ela, que permanece em pé, os recepcionando do começo ao fim da festa - que tem durado cerca de 6 horas, em média. Interessante ressaltar que antes da realização do *Encontro* a moradora não tinha relação específica com a brincadeira do *boi*.

Ao chegar à residência de Dona Dá, após o grupo anterior finalizar sua brincadeira, o grupo seguinte se instala em frente à homenageada e tece seus versos

diferentes práticas culturais que percorrem as ladeiras da cidade e dirigem-se para sua porta.

dedicados à dona da casa, a fatos cotidianos e/ou ao tempo que o grupo percorre sua via festiva. Quando terminam, as lideranças dos *bois* recebem de Dona Dá, família, amigos e amigas ofertas de frutas diversas, vinho, cachaça, água, e o troféu que sela o compromisso - e que a cada ano tem um formato e é confeccionado por um artista diferente. Desta forma, em frente à sua casa é realizado o ritual de **dupla homenagem**, que como veremos adiante, na minha leitura, expressa simbolicamente a função da dádiva celebrando o dom e contra-dom de ambas as partes. Anualmente, na noite de Quarta de Cinzas, tanto a moradora-símbolo do Carnaval de Olinda reafirma-se como madrinha dos *bois*, quanto estes brinquedos comprometem-se, a partir da apropriação de múltiplos elementos culturais, a serem reconhecidos [e se reconhecerem entre si neste local], mantendo a vitalidade do *Encontro de Bois*.

Após esse momento ritual, os *bois* ou ocupam ruas próximas à casa da moradora e brincam mais um pouco ou completam seu circuito voltando de onde saíram, ou dispersam, como faz a maioria dos grupos.

De acordo com as entrevistas realizadas e através das participações e observações ao longo do tempo³⁰ posso dizer que a festa caracteriza-se por não ser centralizada, por ser autorregulada pelos participantes e por apresentar uma estrutura aberta incorporando novos grupos à dinâmica do ritual. Os grupos mais recentes - independentemente de quem sejam - se integram à brincadeira respeitando a lógica anterior no que diz respeito tanto à organização da rua, quanto à participação do rito.

Para compreender os motivos pelos quais os *bois* vão à Rua da Boa Hora se encontrar com Dona Dá, desenvolvo agora a ideia de reciprocidade, trabalhada por Marcel Mauss em seu *Ensaio sobre a dádiva*, de 1974. Para o autor, o elemento de reciprocidade e troca de dons e contra-dons costuma ocorrer em muitas festas. Por meio de trocas e prestações voluntárias, interessadas ou não, são acumuladas e distribuídas riquezas que trazem satisfação e prestígio para quem as organiza. Neste sentido, considero que o *Encontro de Bois* acontece devido à manutenção de esforços realizados pelos moradores da Rua da Boa Hora, especialmente por Dona Dá, em conjunção com os *bois* que participam do *Encontro*. Ambos deslocam suas práticas anteriores para a Quarta de Cinzas e alimentam-se mutuamente. Um não existiria sem o outro: nem o *Encontro* em si, nem o reconhecimento de Dona Dá como madrinha dos *bois*. Sendo

³⁰Vivencio o “Encontro” há 14 anos, 7 deles como integrante de um dos “bois”.

assim, poderia dizer que os troféus, as frutas e as bebidas [os dois últimos oferecido somente na Quarta de Cinzas] são presentes de Dona Dá, representando a Rua da Boa Hora [e por que não o Carnaval de Olinda?] aos *bois* que comparecem na noite de Quarta - expressando uma dádiva - marcada pela abundância. Este é seu dom. Ao mesmo tempo esta dádiva retorna como contra-dom à Rua e à moradora na medida em que cada vez mais grupos convergem para a Boa Hora e participam do ritual realizado em frente à sua porta como reconhecimento pela sua relação festiva com o Carnaval.

A esse respeito gostaria de destacar uma reflexão a fim de que um dado não passe despercebido no argumento que estou desenvolvendo. Parece-me que o *Encontro de Bois* acontece a partir de uma confluência de atores e situações que ao cruzarem suas trajetórias passam a entrecruzar suas histórias de vida. Cruzar e entrecruzar, as palavras não estão sendo utilizadas por acaso. Segundo o *Dicionário Michaelis*³¹, enquanto cruzar remete à intercepção, ao ponto de encontro que atravessa, podendo nunca mais se encontrar novamente [pesemos em uma encruzilhada, por exemplo], entrecruzar diz respeito a este cruzamento feito de maneira recíproca, com correspondência entre as partes, à influência entre os pares, ação mútua, complementar, partilhada [como uma trança de cabelo, por exemplo]. Neste sentido, a partir dos deslocamentos das práticas culturais, ocasionada pelos seus encontros, os diferentes sujeitos passam a desempenhar funções/papéis sociais que não realizavam anteriormente. Vejamos: Dona Dá morava anteriormente na Rua Henrique Dias, paralela à Boa Hora. Certamente já gostava tanto de Carnaval quanto gosta hoje; porém quando vivia na rua anterior não encontrava uma ambiência festiva. Quando se muda para a Boa Hora, sua trajetória de vida encontra-se com as de outros moradores que também valorizam as práticas de sociabilidades carnavalescas [entre outras]. Neste sentido, este encontro permite a confluência que *desemboca* na estratégia de atrair os grupos para passarem tocando na Boa Hora [lembramos: entre o Sábado de Zé Pereira e a Terça feira Gorda]. Do mesmo modo, Siba e Hélder, por exemplo, têm seus rumos de vida alterados quando em sua trajetória entram em contato com práticas culturais que não conheciam anteriormente e que de alguma maneira os toca tão profundamente a ponto de ficarem tentando criar espaços em sua vida para, que além da convivência com os produtores de tais práticas, pudessem experimentar estas manifestações, criando inicialmente o *Boi da Gurita* para brincar e

³¹Disponível em <http://michaelis.uol.com.br/> Acesso em 27 de setembro de 2015.

praticar entre si ³². Do entrecruzamento destas trajetórias - da entrega de troféus na Rua da Boa Hora durante o Carnaval, por parte, nesse caso, de Dona Dá - com o desejo de manipular com as práticas culturais, nesse caso, por parte de Siba e Hélder, foi gerada uma ‘outra coisa’. Nem mais a entrega do troféu nos dias oficiais do Carnaval, nem mais uma brincadeira ‘isolada’ de *boi*.. Eu diria que, a partir desse encontro inusitado, criou-se uma ambiência festiva, de características peculiares, que possibilitou a convergência dos mais diversos grupos para o que atualmente chamamos de *Encontro de Bois*. E Dona Dá, por sua vez, como tantos interlocutores afirmam, simbolicamente torna-se a madrinha dos *bois* da Boa Hora, um elemento síntese deste processo.

Até aqui desenvolvi o argumento do *Encontro de Bois* como um *espaço de sociabilidade* que se repete anualmente através da realização de um *ritual lúdico-festivo* que faz com que uma série de práticas culturais se desloquem em direção à casa da moradora. A partir de agora proponho uma análise sobre quais elementos são utilizados para compor esse ritual. Buscarei evidenciar o quanto esse *espaço de sociabilidade lúdico-festivo* é pautado pela apropriação/recriação de outras práticas culturais. Destacarei a peculiaridade pela qual esta apropriação/recriação é feita. Neste artigo ³³, proponho a reflexão especialmente a partir da fala de dois sujeitos da pesquisa: Siba Veloso e Hélder Vasconcelos, criadores do *Boi da Gurita Seca*, como exemplos para ilustrar esta forma de apropriação/recriação.

O *Boi da Gurita Seca* participava do *Encontro de Bois* trazendo o ritmo e a poesia do *Maracatu de Baque Solto* ³⁴ [manifestação popular presente na Zona da Mata Norte do estado] para dentro de sua brincadeira. Atualmente o *Boi da Gurita* transformou-se no *Grêmio Recreativo Carnavalesco Misto Inseto Animal e Vegetal Bicharada*; porém, tanto o ritmo executado e cantado, quanto o estandarte permanecem seguindo os princípios estéticos do *Macaratu de Baque Solto*. Já Hélder Vasconcelos, no ano 2000 fundou seu próprio brinquedo; o “*Boi Marinho*”. Este tem sua origem

³² Este assunto será desenvolvido posteriormente em outro artigo.

³³ Para ler a versão completa da pesquisa acesse:

https://www.academia.edu/19653870/ENCONTRO_DE_BOIS_DE_OLINDA_A_FESTA_DA_QUARTA_DE_CINZAS_%C3%89_NA_CASA_DA_DONA_D%C3%81_Ponto_de_converg%C3%Aancia_para_m%C3%BAltiplas_culturas_viajantes

³⁴ Maracatu característico dos engenhos pernambucanos. Suas músicas são acompanhadas por orquestra de percussão e sopro que mantém o baque em levada contínua, sem viradas musicais, daí o sentido do nome baque-solto. Atualmente a figura do Caboclo de Lança, o caboclo de guiada, destaca-se como ícone do Carnaval de Pernambuco. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/tesouro/00002065.htm> Acesso em 28 de setembro de 2013.

inspirado em elementos do “*Cavalo Marinho*” [autopopular³⁵ também da Zona da Mata Norte de Pernambuco]. Brinca com elementos deste folguedo lançando mão de recursos musicais e coreográficos próprios do brinquedo durante sua realização.

Uma fala bastante recorrente entre os interlocutores da pesquisa, não somente encontrada nas falas de Siba e Hélder, é a de que o que fazem em seus brinquedos ‘é outra coisa’ para referir-se às apropriações que fazem das práticas culturais adaptando-as de acordo com seus desejos para seus próprios fins, reelaborando, reconfigurando, reinventando ou quaisquer palavras deste universo que queiramos utilizar de sentido similar. Em várias entrevistas no decorrer da pesquisa essa percepção é dita *textualmente*. Como um exemplo ilustrativo, trago aqui a fala de Siba:

A gente junta os pedaços e cria uma outra coisa. Não deixa de ser uma apropriação. Eu não nasci nisso. E a grande maioria daquelas pessoas também não nasceu; não herdaram aquilo do seu ambiente de bairro, de família, e tal então, tem uma apropriação nesse processo. Ao mesmo tempo a gente é livre com isso, por que a gente não tá amarrado às outras regras todas que diz o lugar que essa coisa tem que estar. A gente se dá ao luxo inclusive de fazer farra com esse negócio. Essa é a versão muito louca. Nunca tinha parado pra pensar nesses termos, mas é bem isso mesmo. **Só a gente poderia fazer isso, desse jeito. Transformar essa farra nessa coisa assim tão livre. É claro que a gente está num lugar social que se pode ser mais livre e ter esse privilégio** (informação verbal) [grifos meus].

Como se pode perceber, a respeito do *Boi da Gurita* como exemplo para a movimentação criada na Rua da Boa Hora, Siba demonstra ter consciência de que sua localização de viagem (Clifford, 2000: 66) ³⁶ “não deixa de ser uma apropriação. Eu não

³⁵ A brincadeira costuma durar cerca de 8 horas e integra representação, música, dança e poesia. Mais informações em: <http://www.recife.pe.gov.br/especiais/brincantes/8c.html>. Acesso em 07 de setembro de 2013.

³⁶ CLIFFORD, James. Culturas Viajantes, In: ARANTES, A. Augusto (org.) *O espaço da diferença*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2004. 304p. p. 50 a 79. No texto “Culturas viajantes”, James Clifford reflete sobre o modo como a análise cultural do século 20 constituiu seus objetos - sociedades, tradições, comunidades, identidades em formas exotizantes. Apresenta-nos um histórico sobre como a construção da metodologia etnográfica deste período acaba por marginalizar as “várias áreas de fronteira, as realidades históricas que escapam para fora do quadro etnográfico”. Desse modo, suprime-se o mundo global mais amplo e cria-se o que ele chama de “liberdade hermenêutica para cercar situações sociais internas e externas”. Segundo o autor, as tecnologias de transporte - que sugerem contatos e comércio sistemáticos anteriores à pesquisa - o contexto nacional, a origem do pesquisador e as negociações complexas e políticas, tendem a desaparecer. Afinal, “os nativos, povos confinados aos e pelos lugares a que pertencem - grupos não contaminados pelo mundo mais amplo provavelmente nunca existiram” (Appadurai, *apud* Clifford, 2004:57). Questões como, por exemplo, os *marcadores de viagem*, sobre classe social, gênero, raça e localização cultural e histórica dos pesquisadores e dos grupos pesquisados não eram problematizados. Clifford em seu texto desenvolve a ideia da importância dos diferentes marcadores de viagem na construção das histórias de viagem. Concordo com o autor ao propor o itinerário envolvendo esses marcadores de localização cultural e histórica, pois os viajantes sempre circulam sobre fortes “compulsões culturais, políticas e econômicas [...] alguns deles são marcadamente privilegiados, ao passo que outros são oprimidos” (Clifford, *op.cit.*, :67). Sendo eu, homem, heterossexual, de pele clara, morador

nasci nisso” (informação verbal). Ilustra também claramente seus *marcadores de viagem* [“o fato evidente de que os viajantes circulam sob fortes compulsões culturais, políticas e econômicas e que alguns deles são materialmente privilegiados, ao passo que outros são oprimidos”. (Idem, 2000: 67-68) quando afirma que “só a gente poderia fazer isso, desse jeito. Transformar essa farra nessa coisa assim tão livre. É claro que a gente está num lugar social que se pode ser mais livre e ter esse privilégio” (informação verbal).

Hélder, ao distinguir a relação do processo criativo na tradição e fora dela me conta:

A tradição é um lugar de preenchimento onde você atende as necessidades; tem a possibilidade de atender algumas necessidades. É esse lugar onde determinados princípios são usados e aí, nesse sentido, **a tradição é muito uma escola** [mesma leitura que Siba nos apresenta em sua entrevista]. Isso é uma percepção que eu num tinha desde o começo, é uma percepção relativamente da metade da minha relação em diante. Parece muito fácil de entender isso, assim, de sentir isso, mas num é. É super-difícil. A gente até entende racionalmente – *Ah, é um lugar como a escola*. Mas a gente não vive esse lugar de escola. **A grande maioria das pessoas vive a tradição como um lugar de pesquisa. É diferente, é completamente diferente. A escola é formação, você se forma ali. Então, isso é uma percepção mais aprofundada.** Um exemplo que eu sempre digo, assim:

- Ó... *Você acha que a tradição é uma escola?* [se estuda música] *E o seu filho num tá querendo estudar música? Bota ele na tradição.*

- *Ah... Não, não. Ele precisa ir pro estudo.*

- *Ué, mas lá num é escola?*

Perceber racionalmente e tal... Mas viver essa escola é muito difícil. É um buraco MUITO mais lá embaixo! Então, no fundo:

da Zona Norte, classe média, descendente de povos da Europa/Oriente Médio, que ascenderam socialmente à academia através do trabalho como barateiros (mascates)/camelôs/feirantes/padeiros, tive (e tenho) experiências em campo diferenciadas do que se fosse alterada qualquer uma dessas classificações, por exemplo, se, em minha ascendência e aparência física tivesse características originárias da África. Segundo o autor, o contexto de viagem é importante por causar determinações diferenciadas através de “uma gama de práticas materiais e espaciais que produzem conhecimentos, histórias, tradições, comportamentos, livros, diários e outras expressões culturais” (*ibidem*, p. 68). Sobre os marcadores de viagem em aspecto relacional à produção de conhecimento, já que estamos refletindo sobre ‘bois’, poderíamos recordar Mário de Andrade, e a esse respeito - da produção de uma gama de conhecimentos diferenciados citando o exemplo utilizado por Cavalcanti (2009: 82) no seu texto “Tempo e narrativa nos folguedos do boi” ao mencionar o trabalho de Luciana Carvalho que afirma que o “auto do boi” na verdade trata-se mais de uma “ilusão do auto”; visto que, através de constatação etnográfica, este auto, em sua suposta integridade dramática parece nunca ter existido. A autora afirma que a relação do folguedo com as encenações dramáticas que eventualmente elabora não é a de obediência a um roteiro de um enredo pré-estabelecido tal qual nos faz pensar a farta bibliografia (entre elas, a de Mário de Andrade) contendo a insidiosa ideia de fundo: de que esses folguedos corresponderiam à encenação de um “auto do boi” apresentando a trama baseada na lenda da morte e ressurreição de um precioso ‘boi’. Neste caso fica clara a afirmação de Clifford ao afirmar que o trabalho de campo não pode se dissociar de uma prática política que institui sentidos para a sociedade e que estes são apropriados pelos discursos midiáticos perpassando os dizeres do senso comum sobre nós mesmos.

- *Eita! Não, não.* (informação verbal) [inserção minha].

Percebemos então que a tradição, na leitura de Hélder, é uma escola, um lugar onde há mudanças, mas um local onde devemos ir para *pegar e dar o fluxo* para poder então recebê-lo de volta, aprender com ele. Em sua opinião, que concordo, para realmente compreendermos a tradição, precisamos de tempo de convivência com ela:

Qualquer escola, por menor que seja o curso, é de 3 anos. Ué?! Comé que isso pode ser menos entendeu? E você sai numa escola de 3, 4, 5 anos e você sabe que num tá preparado, é só a porta de entrada pra você ver... Então, bicho... Até que você atue de fato, em qualquer escola que você vá, são 7, 8, 9, 10 anos! **Porque que a escola tradição é diferente?** Então, bicho... É isso. É formação. Então, **pra formar tem o tempo de formação.** (informação verbal).

Gostaria agora de destacar algumas semelhanças entre os interlocutores, Siba e Hélder. Os dois têm em suas narrativas consciência de que ocupam classes sociais diferentes daquelas pessoas que produzem aquelas práticas culturais com as quais se identificam e as veem como um caminho educativo; não como fonte material para outra coisa. Antes, eles as enxergam como caminho para aprendizagem daquele sistema *em si*. Lembremos que estamos falando de dois artistas cuja banda, Mestre Ambrósio, teve origem no Movimento Manguebeat que realizava em Pernambuco uma fusão dos ritmos ‘mundiais’ com suas tradições ‘locais’³⁷. Desta forma, segundo o relato de ambos, eu poderia dizer que o espaço criativo para eles, no sentido de liberdade total para suas inovações estéticas individuais, é exercitado em seus respectivos trabalhos e *bois* e não quando estão nas tradições *em si*.

Na escrita da dissertação *lancei mão* das reflexões de José Jorge de Carvalho (2004)³⁸ diversas vezes para problematizar as apropriações culturais acerca das tradições performáticas. Aqui, nesta parte do texto, desejo evidenciar também outro aspecto de sua produção que ressalta que nem todas as apropriações e difusão destas tradições são

³⁷ Para informações mais completas sobre a movimentação da “cena” pernambucana recomendo a leitura de José Teles no livro “Do Frevo ao Manguebeat”, de 2000 e especificamente sobre a construção do movimento mangue, o texto “Manguebeat e a construção da cultura em rede”, de Marildo José Nercolini, de 2008, disponível em: <http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/160>. Acesso em 25 de setembro de 2015.

³⁸ CARVALHO, José Jorge. *Metamorfose das tradições performáticas Afro-brasileiras: de Patrimônio Cultural a indústria de entretenimento*. Disponível em: http://www.cachuera.org.br/cachuera02/images/stories/arquivos_pdf/serie354empdf.pdf. Acesso em 05 set 2013.

necessariamente negativas ou destrutivas. Na mesma obra citada o autor demonstra como, por exemplo, diferentemente do caso do samba carioca na Era Vargas [onde houve a **cooptação de classe equivalente a cooptação racial**], ocorreu com as festas juninas [onde aconteceu de fato, um **livre trânsito simbólico**] uma vez que estas festas extravasaram seu contexto rural e hoje tem versões de arraiais adaptadas a todas as classes do país.

Seria então o *Encontro de Bois* um caso desse *livre trânsito simbólico*? Pensemos a esse respeito. No *Boi Marinho* - para citar somente um dos muitos exemplos possíveis - o grupo brinca em Condado, na considerada *terra do Cavalo Marinho* - segundo *slogan* da Prefeitura - ao mesmo tempo em que alguns componentes dos *Cavalos Marinheiros* - que aprenderam a brincar junto à suas famílias – participam no *Boi Marinho* em Olinda. Parece que a brincadeira [no sentido do *Boi Marinho* – “*viagem em moradia*”] e a tradição [no sentido do *Cavalo Marinho* - “*moradia em viagem*”] dialogam entre si e tem claro que *uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa*.

Desse modo, o que me parece acontecer de uma maneira geral com os grupos que participam do *Encontro de Bois* é que os atores sociais **circulam entre os dois espaços, para utilizar expressões do universo Cliffordiano, se situando entre as raízes e as rotas**. Com um pé nas manifestações tradicionais que se desenvolvem por meio de relações de “*moradia em viagem*”, com um tempo mais lento para a mudança, e outro em espaços criativos onde são valorizados mais os aspectos de “*viagem em moradia*”, com ênfase evidente da criação, da inovação, da mudança. Estes sujeitos - grande parte dos interlocutores da pesquisa - buscam vivenciar as práticas tradicionais em seu cotidiano, em relação de aprendizagem permanente, mantendo-se junto aos grupos [alguns desde antes da criação de seus respectivos *bois*, outros desde seu surgimento] até os dias de hoje. Talvez essa característica de circulação entre classes sociais distintas, mediada pelas práticas culturais, favoreça a diluição das fronteiras entre os diferentes estratos durante a realização do *Encontro de Bois*. Desde a primeira vez que vi o *Encontro*, em 2003, percebo, de uma maneira geral nos brinquedos da Quarta de Cinzas, tanto cortadores de cana quanto universitários e artistas, crianças, jovens e idosos, brancos e negros, pessoas de ambos os sexos e dos mais variados gêneros brincando reunidos.

Acredito que o *Encontro de Bois* demonstra bem claramente o que Vianna chama de “*espaço da brincadeira*” no Brasil. “Esse espaço, como o ciberespaço, tem a estrutura de uma rede, uma *rede de interbrincadeiras*. Cada brincadeira é um nó da rede, estando assim interligada a todas as outras brincadeiras” (Vianna, 1999:1). Neste sentido, então, sim; e de acordo também com a leitura de José Jorge de Carvalho, parece-me que o *Encontro de Bois* pode ser entendido como um **espaço da brincadeira, de livre trânsito simbólico**, que ultrapassa o contexto das brincadeiras tradicionais e que por suas redes reflete o encontro intraclasses sem cooptação de uma pela outra. Um encontro realizado por meio de deslocamentos culturais que são físicos, na medida em que os grupos se movem por Olinda; e também simbólicos, quando, a partir da manutenção da vinculação entre os espaços da tradição e da recriação estes interlocutores *bricolam* e ressignificam as práticas culturais.

Conclusão

Entre tantas outras leituras possíveis de se realizar, esta é mais uma versão do *Encontro de Bois*. Uma interpretação. Entre tantas possíveis de ser escrita, esta é mais uma narrativa.

Este artigo buscou mostrar como, a partir do entrecruzamento de práticas culturais, estes sujeitos acabaram por criar um novo espaço da brincadeira marcado por um tipo de relação de sociabilidade que é pautado pela realização de um ritual envolvendo a moradora e os *bois* e *blocos* participantes, que passam a desempenhar funções/papéis sociais que não realizavam anteriormente e que tampouco pensaram previamente. Por meio de deslocamentos culturais, físicos e simbólicos, estas pessoas acabaram por gerar um *novo espaço de sociabilidade* através da realização de um *ritual lúdico-festivo* que se repete anualmente e faz com que uma série de práticas culturais se dirija em direção à casa de Dona Dá nesta noite. Desta maneira, propus pensarmos no *Encontro de Bois* como um *espaço de sociabilidade ritual-lúdico-festivo* para onde convergem diversas manifestações culturais por meio de um processo de construção coletiva pautada no livre trânsito simbólico de elementos de diferentes práticas culturais.

Referências

BARBERO, Martin, 2003. *Dos meios às mediações - Comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. p 136.

CARVALHO, Luciana. 2009. “A matança do santo: riso ritual e *performance* no bumba meu boi”. In: CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro e: *As festas e os dias: ritos e sociabilidades festivas*. Rio de Janeiro: Contra-capa, 115-142.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro e. 2009. “Tempo e narrativa nos folguedos de boi”. In: CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro e (org): *As festas e os dias: ritos e sociabilidades festivas*. Rio de Janeiro: Contracapa.

CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR. *Tesouro Brincante*. (<http://www.cnfcp.gov.br/tesouro/00000190.htm>; acesso em 28/10/2013).

_____. *Tesouro_Ciclo Natalino*. (<http://www.cnfcp.gov.br/tesouro/00000091.htm>; acesso 28/10/2013).

_____. *Tesouro Quaresma*. (<http://www.cnfcp.gov.br/tesouro/00001975.htm>; acesso em 28/10/2013).

_____. *Tesouro Maracatu de Baque Solto*. (<http://www.cnfcp.gov.br/tesouro/00002065.htm>; acesso em 28/10/2013).

CERTEAU. Michel de. 2000. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes. p. 352.
DICIONÁRIO MICHAELIS

(<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=fam%EDlia>; acesso em 28/10/2015).

DISTÂNCIACIDADES.COM Olinda -(<http://br.distanciaticidades.com/calcular?from=Recife+-+PE%2C+Brasil&to=Olinda+-+PE%2C+Brasil>; acesso em 28/09/2013).

_____. *Caruaru – Olinda*. (<http://br.distanciaticidades.com/calcular?from=Caruaru+-+Pernambuco%2C+Brasil&to=olinda>; acesso em 28/09/2013).

_____. *Correntes – Olinda*. (<http://br.distanciaticidades.com/calcular?from=Caruaru+-+Pernambuco%2C+Brasil&to=olinda>; acesso em 28/09/2013).

FUNDARPE. *Ciclo Natalino valoriza as tradições populares do Estado*. (<http://www.fundarpe.pe.gov.br/ciclo-natalino-do-governo-do-estado-valoriza-as-tradicoes-populares> ; acesso em 28/09/2013).

G1/GLOBO.COM. *Dona Dá espanta marasmo em rua de Olinda entregando troféus a blocos*. (<http://g1.globo.com/pernambuco/carnaval/2013/noticia/2013/01/dona-da-espanta-marasmo-em-rua-de-olinda-entregando-trofeus-blocos.html>; acesso em 30/01/2013). . Acesso em 30 de janeiro de 2013.

_____. *Com 718 mil visitantes, Recife fecha carnaval 2013 com avaliação positiva*. (<http://g1.globo.com/pernambuco/carnaval/2013/noticia/2013/02/com-700-mil-visitantes-recife-fecha-carnaval-2013-com-avaliacao-positiva.html>; acesso em 24/10/2013).

_____. *Prefeitura de Olinda comemora sucesso do Carnaval 2013*. (<http://g1.globo.com/pernambuco/carnaval/2013/noticia/2013/02/prefeitura-de-olinda-comemora-sucesso-do-carnaval-2013.html>; ; acesso em 30/01/2013).

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO. *Especiais/Brincantes*. (<http://www.recife.pe.gov.br/especiais/brincantes/8c.html>; acesso em 07/10/2013).

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas*. (<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/1888?show=full>; acesso em 30/01/2013)

O GLOBO/ CARNAVAL 2013. *Ruas de Recife e Olinda fervem com carnaval na Quarta-feira de Cinzas*. (<http://oglobo.globo.com/carnaval-2013/ruas-de-recife-olinda-fervem-com-carnaval-na-quarta-feira-de-cinzas-4047328>; acesso em 30/01/2013).

PEIRANO, Mariza. *Rituais ontem e hoje*. 2003. Coleção Passo a passo. Jorge Zahar Editor Ltda.

PEnoCarnaval. *Balanço do Carnaval de Olinda em 2013*. (<http://www.penocarnaval.com.br/materias/interna/94/o-balanco-do-carnaval-de-olinda>; acesso em 30/01/2013).

PREFEITURA DO RECIFE. *Cadastro de Cultura Popular*. (http://www.recife.pe.gov.br/pr/seccultura/fccr/cadastro/2008/07/29/boi_de_carnaval_7.php; acesso em 28/10/2013).

_____. *PE de A-Z* (http://pe-az.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=541:belem-de-maria&catid=47:municipios&Itemid=107; acesso em 15/07/2014).

PREFEITURA MUNICIPAL DE OLINDA. *Encontro de Bois é uma das pedidas da Quarta de Cinzas*. (<http://carnaval.olinda.pe.gov.br/noticias/encontro-de-bois-e-uma-das-pedidas-da-quarta-de-cinzas>; acesso em 30/01/2013).

PROGRAMAÇÃO CARNAVAL RECIFE 2013 (<http://www.programacaocarnavalrecife.com.br>; acesso em 28/10/2013).

PROGRAMAÇÃO CARNAVAL RECIFE 2014 (<http://www.agendadorecife.com.br/carnaval-pernambuco-recife-e-olinda/>; acesso em 30/03/2014)..

PORTAL DE CARUARU. *O brilho encantado do Boi Tira-Teima*. (<http://www.portaldecaruaru.com/conteudo/708/O%20brilho%20encantado%20do%20Boi%20Tira%20Teima-Herlon%20Cavalcanti#.Ukc4IYabOS8>; acesso em 30/01/2013).

RESENDE, Cláudia Barcellos. Os limites da sociabilidade: “cariocas” e “nordestinos” na feira de São Cristóvão. (<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2145/1284>; acesso em 25/10/2013)..

SALÚ, Maciel. *Na Casa de Dona Dá. Maciel Salú e o Terno do Terreiro*. (<https://soundcloud.com/bm-a/maciel-sal-e-o-terno-do>; acesso em 30/01/2013).

TENDERINI, Helena Maria. 2003. *Na Pisada do Galope: Cavalo Marinho na fronteira traçada entre Brincadeira e Realidade*. 98 f Dissertação (Pós-Graduação em

Antropologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Pernambuco.

UNIVERSIDADE FEDERAL RUTRAL DE PERNAMBUCO UFRPE. *O Ciclo Natalino*. (http://www.ufrpe.br/artigo_ver.php?idConteudo=12462003; acesso em 28/10/2013).

WIKIPÉDIA. *Pernambuco* (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pernambuco>; acesso em 23/10/2013).

_____. *Centro Histórico de Olinda*. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Centro_Hist%C3%B3rico_de_Olinda. Acesso em: 28 set 2013.

_____. *Forró*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Forr%C3%B3> Acesso em 28 set 2013.

_____. *Reggae*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Reggae> Acesso em: 30 mar 2014.

_____. *Prefeito Renildo Calheiros faz um balanço do Carnaval*. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=PXQ_ijpKLaM. Acesso em: 28 set 2013.